Seis meses no teu coração

Esta é a história de um amor impossível. Uma narração simples que dedico à minha mãe e a todos aqueles que afortunadamente, durante a sua vida, puderam provar o doce sabor de um sentimento puro e verdadeiro porque ninguém é apenas “mais um” …

Introdução

Em vão, Elisa tentava disfarçar a angústia que sentia, a queimava e sufocava por dentro, e também as lágrimas, que não a deixavam ver aquela paisagem que nos últimos meses, se tornara tão familiar.

O rugido da camioneta, abafava os soluços presos na sua garganta, a dor era insuportável, e Elisa, bem no fundo de sua alma jovem sabia, que deixava para trás um grande amor. Não poderia, naquele momento, saber se seria ou não, o grande amor de sua vida, mas sabia que era um amor verdadeiro, imenso e único.

Tinha a certeza que Jorge, nunca se havia apercebido de quanto o amava. Agora perdia-o para sempre, fugindo covardemente dos seus sentimentos e, o seu coração revoltava-se com a perspetiva de nunca mais o voltar a ver.

Desde o inicio, ela sabia que aquele dia iria chegar…o seu último dia de trabalho, mas nos últimos meses tinha tentado desesperadamente não

pensar no assunto, e saborear até ao último momento, a companhia do seu amor recém encontrado que agora, ia ficando para trás na distância física que os separava definitivamente e que apenas, permaneceria vivendo eternamente nas suas lembranças.

Parte 1

Capítulo 1

Todas as manhãs, como era seu hábito, Elisa dirigiu-se à banca dos jornais, e comprou todos os matutinos que possuíam anúncios de emprego. Era quase um ritual diário.

Após ter trabalhado como secretária, durante o período de Verão, necessitava novamente de trabalhar. Precisava sobretudo de dinheiro para fazer face às suas despesas. Não podia continuar a viver dependendo de sua avó para absolutamente tudo.

Não era fácil viver com sua avó, viúva desde muito cedo na vida, habituada a dirigir a casa, a ter sempre a última palavra, impondo sempre a sua vontade em todas as decisões que Elisa necessitava de tomar, uma verdadeira matriarca na família.

Já tinha sido assim com sua mãe, até que esta tinha decidido, colocar um ponto final na situação, e ao

fim de muitos anos, tinha mudado de casa e fugindo a um controlo permanente que a tinha deixado impotente de realizar seus sonhos, e viver a sua própria vida, Elisa tinha ficado. Teve pena de deixar sua avó sozinha (embora soubesse que esse dia iria chegar) …afinal era sua avó, a pessoa que a tinha criado, que sabia a amava profundamente, embora com um feitio severo e autoritário. Não quis abandonar a casa e o local que sempre tinha conhecido, a cidade que amava, e onde tinha maiores chances de arranjar trabalho.

Embora contra a sua vontade, sua mãe, tinha permitido que continuasse vivendo com a sua avó, embora tendo Elisa, que prometer que sempre que possível iria para a sua nova casa.

Nesse dia, Elisa assinalou alguns anúncios de emprego que lhe pareceram adequados, às suas experiências profissionais. Não era possível ser muito exigente, as oportunidades de trabalho eram muito escassas, a sua experiência era quase nada, mas a vontade de trabalhar era muita, e

contrabalançava tudo isso. Já tinha feito um pouco de tudo que estava ao seu alcance, tinha dado explicações de matemática, ensinado a ler e escrever, tinha sido vendedora, tinha trabalhado num escritório, mas, nunca, como costumava dizer, com "base legal" porque nunca tinha descontado para a Segurança Social.

Escreveu algumas cartas de resposta aos anúncios, fez alguns telefonemas, marcou entrevistas, sendo que, uma delas, ficou marcada para o dia seguinte, em Benfica. Pretendiam uma empregada de balcão, e sua experiência nestas andanças, dizia-lhe que não criasse muitas expetativas em torno do assunto, a década de oitenta tinha começado com uma grande crise laboral, cinco anos volvidos, nada parecia melhorar, mesmo com as promessas do governo, em tudo fazer em prol de um país moderno e europeísta…" balelas", pensava Elisa, "amanhã, logo se vê".

Capítulo 2

Estava um dia quente e cheio de sol, daqueles que levantavam o ânimo até aos mais céticos, depois de almoçar e já próximo da hora, Elisa saiu para a entrevista marcada no dia anterior, em Benfica.

Chegou ao local, antes da hora prevista. A morada que lhe tinham dado, correspondia a um stand de automóveis usados. Apresentou-se a um senhor que aparentava ser o dono do stand e que a mandou entrar para o escritório. Convidou-a a sentar, fazendo o mesmo de seguida. Olhou-a de frente, observando-a, como se avaliasse cada detalhe do seu aspeto. Ele por seu turno, era um homem na casa dos quarenta anos, com um farto bigode e semblante um pouco desgastado, assim como a sua indumentária, assim como os carros que vendia, tentando fazer-se parecer mais novo e atraente.

Principiou por perguntar o nome completo de Elisa, qual o seu estado civil e qual a sua morada. Questionou-a acerca de sua experiência de trabalho anterior, ao que Elisa respondeu, tão detalhadamente

quanto lhe foi possível, o que tinha feito até então. Elisa fez uma pausa, e o Sr Alberto (era este o nome porque se tinha apresentado, o nome daquele que viria a tornar-se seu patrão), aproveitando-a, esclareceu:

- A vaga para empregada de balcão, é para ser exercida na localidade de Brandoa, trata-se de uma loja de discos na rua principal. O horário semanal é das 9.30 às 13 horas e das 14.30 às 19 horas. Aos Sábados é das 9.30 às 13 horas. Que lhe parece?

- Parece-me bem, é um horário normal de oito horas diárias. Não sei muito bem onde fica esse lugar, mas penso, que haverá transporte acessível do centro de Lisboa, mesmo ao Sábado. Não é verdade? – respondeu Elisa.

- Sim. Pode apanhar o autocarro para a Pontinha, no lugar onde mora-respondeu o Sr Alberto, continuando a dar-lhe indicações onde poderia tomar as ligações de camioneta, para chegar à localidade onde se situava a sua loja. Até que, após combinar o salário, acrescentou

– Existe ainda um pormenor que não lhe disse, não sei se com isso continuara interessada!?

- De que se trata? - perguntou Elisa, questionando-se o que poderia ser esse, “mas” oculto, até agora parecia estar a ser tudo demasiado simples, já tardava aparecer alguma surpresa desagradável.

- É que uma vez por mês, terá de trabalhar ao Domingo, todo o dia. O comércio permanece aberto, nos Domingos de feira mensal.

Elisa hesitou, por uma fração de segundo pensou nos contras que representariam ir trabalhar no Domingo, mas reconheceu que a necessidade de trabalhar era maior do que o transtorno de o fazer, um Domingo por mês. Então ocorreu-lhe perguntar:

- Isso quer dizer que folgo no dia seguinte?

- Não…sabe, isto está mau…a vida está difícil, não posso dar-me ao luxo de encerrar as portas! – respondeu o Sr Alberto

- É de lei folgar a seguir a um Domingo de trabalho, bem como pagar o salário pontualmente, a cada último dia de cada mês, e passar recibo do ordenado pago, ao empregado – ripostou Elisa, a quem as surpresas desagradáveis irritavam, e cujo sentimento inicial de otimismo, sentia desaparecer.

- Pois, mas não posso encerrar à Segunda Feira. Quanto ao ordenado pode ficar descansada, será pago no fim do mês – disse de forma pouco convincente – mas não haverá descontos, posso passar recibo se faz tanta questão – acrescentou, visivelmente contrariado.

- Está bem Sr Alberto. Quando devo começar? – disse Elisa

- Poderá começar nom inicio do mês, ou seja, já para a semana. A morada é esta – disse, estendendo-lhe um papel com um endereço escrito – estarei lá à hora e, nessa altura dar-lhe-ei as indicações sobre o que terá de fazer daí em diante, entregar-lhe-ei as chaves, de modo que possa abrir e fechar a loja. Qualquer

problema que surja acrescentou- poderá sempre ligar para aqui.

- Certíssimo, estarei lá para a semana, às 9.30 – disse Elisa, levantando-se. Quando se ia a despedir, lembrou-se subitamente de algo importante, e perguntou: Sr Alberto, assino agora o contrato de trabalho, ou para a semana?

Rindo, ele respondeu que ela não precisava preocupar-se com esses detalhes agora. Não pretendia despedi-la – acrescentou ainda - e com um aperto de mão, deu por concluída a entrevista.

Elisa tinha saído de casa com outra expetativa, e pensava, na tentativa de se animar, que era melhor este trabalho que nenhum.

Entretanto, enquanto regressava a casa foi pensando no dinheiro que sobraria do ordenado, após pagar as deslocações e o almoço, já que a distância e o intervalo de tempo para o almoço, não permitiriam que viesse a casa almoçar.

Ao chegar a casa, telefonou à sua mãe e contou-lhe tudo o que se tinha passado, a mãe tentou animá-la, dizendo:

- Sabes quem mora aí?

- Não! – respondeu Elisa, com curiosidade com a perspetiva de haver alguém conhecido, a morar naquele fim de mundo.

- A Alda…minha palerma! – disse a mãe

De repente fez-se luz no seu espirito. Claro! Que pateta era. Alda, a melhor amiga da mãe, tinha ido viver para ali, alguns anos atrás.

- Vou falar com ela, tenho a certeza que se lhe pedir, não se importará que vás lá almoçar a casa dela. Sempre estarás acompanhada durante a hora de almoço, e ela ficará encantada de te ter por perto – continuou a dizer a mãe.

Elisa, mais animada, perante a ideia de ter alguém familiar por perto, pediu à mãe que logo que soubesse alguma coisa, lhe dissesse. Quando

desligou, sentiu que o seu otimismo e autoconfiança tinham voltado novamente.

Capítulo 3

No dia e hora combinados, Elisa lá estava, no endereço dado pelo Sr. Alberto. Ele apareceu logo também. Elisa recebeu as instruções sobre as tarefas a desempenhar diariamente, tomou conhecimento dos números de telefone que seriam úteis ao seu trabalho, recebeu também as chaves da loja e, logo ficou só.

Foi um primeiro dia de trabalho agradável. À hora de almoço reviu Alda e a mão idosa, que vivia com ela.

Os dias foram passando, Elisa foi-se ambientando com o lugar e com as pessoas que ali viviam, especialmente com as que se dirigiam à loja. Fez alguns amigos, colecionou muitos discos e fotografias com dedicatórias, que guardou, e a fizeram recordar aquele lugar, muitos anos depois.

Nessa altura, Elisa nem se apercebia de como seriam boas as recordações desses dias. Recebeu com simpatia as dedicatórias, um pendente para fio, em forma de coração em prata, e muitas outras provas de admiração e amizade.

Embora com timidez, Elisa gostava (como qualquer mulher) da atenção que lhe dispensavam. Estava comprometida há três anos, e como costumava dizer, "não tinha um namorado, tinha sobretudo, um grande amigo", por isso confiava no seu namorado muitas das experiências e episódios que vivia. Ele sorria, quando lhe contava sobre as declarações de amor ou, quando ele próprio as lia nos versos das fotografias, muitas vezes comentava com humor que "nunca faria melhor, mesmo que quisesse". Sempre tinha havido, desde que se conheceram, uma relação de confiança mútua e de camaradagem, por isso Elisa podia conversar abertamente acerca das situações que a entristeciam ou das que pelo contrário, a alegravam, sem haver lugar para ciúmes e desconfianças. O que Elisa não suspeitava é que

alguém pudesse entrar na sua vida e no seu coração, com uma subtileza e intensidade que não deixaria lugar para mais ninguém. E foi isso mesmo que aconteceu…

Capítulo 4

Foi numa tarde de Domingo, era dia de feira, havia muito movimento nas ruas, e sobretudo estava um dia lindo de sol, o que muito agradava a Elisa. Adorava dias de sol porque mesmo que sentisse tristeza, bastava um dia solarengo, para se animar.

Naquele dia, o Sol entrou na sua vida, na pessoa de Jorge. Estava só na loja, olhando distraidamente para fora, recordava com um sorriso quando uns pirralhos de etnia cigana lhe tinham entrado pela loja, algumas semanas atrás. Em vez de os expulsar, como eles esperavam porque era o que acontecia em todas as lojas onde decidiam entrar em bando, sorriu para eles perante o espanto geral e quando o mais afoito lhe perguntou "não nos mandas embora?", ela apenas respondeu "porquê? Estás a fazer alguma coisa de mal?", ele olhou para os outros,